

Tatuagens protegem contra o câncer de pele? Ciência explica

Uma nova pesquisa sugere que pessoas com múltiplas tatuagens apresentam menores taxas de melanoma

Por Justin Stebbing , Em The Conversation*

Será que as tatuagens podem ser a arma secreta na luta contra o câncer de pele? Pode parecer incrivelmente improvável à primeira vista, mas novas pesquisas sugerem que a tinta da tatuagem é mais do que aparenta, especialmente quando se trata do risco de melanoma.

Durante anos, as pessoas se preocuparam com os possíveis perigos das tatuagens para a saúde . Mas uma nova pesquisa sugere algo surpreendente: pessoas com múltiplas tatuagens parecem ter menos melanoma, e não mais. No entanto, antes de alguém correr para um estúdio de tatuagem para se prevenir do câncer, é crucial analisar atentamente as letras miúdas, pois todo estudo tem suas falhas, e este não é exceção.

Pesquisadores em Utah – o estado americano com as maiores taxas de melanoma – estudaram mais de mil pessoas. Eles compararam pacientes com melanoma com pessoas saudáveis ??para verificar se tatuagens, especialmente as extensas, afetam o risco de câncer.

Os resultados sugeriram que pessoas que fizeram várias sessões de tatuagem ou possuíam várias tatuagens grandes apresentaram risco reduzido de melanoma. Na verdade, o risco caiu para mais da metade.

Esta foi uma descoberta impressionante, especialmente considerando as preocupações de longa data com tintas de tatuagem, que contêm substâncias químicas que – em outros contextos – podem ser prejudiciais ou até cancerígenas. Cientistas já se preocupavam com a possibilidade de a introdução de substâncias estranhas na pele promover o desenvolvimento de câncer.

Pesquisas recentes e abrangentes relacionaram tatuagens a um tipo de câncer chamado linfoma. Mas este amplo estudo populacional não corroborou esses temores em relação ao melanoma.

Por que os resultados podem ser enganosos

No entanto, as evidências trazem consigo uma série de ressalvas críticas. A primeira e talvez a mais significativa questão foi a falta de dados sobre os principais fatores de risco do melanoma, essenciais para tirar conclusões confiáveis de causa e efeito.

Fatores de risco importantes, como histórico de exposição solar, uso de câmaras de bronzamento artificial, facilidade de queimaduras solares, tipo de pele e histórico familiar de melanoma, foram registrados apenas para pessoas com câncer – não para as pessoas saudáveis incluídas no estudo. Sem essas informações, é impossível distinguir se o menor risco observado em pessoas tatuadas decorre realmente das tatuagens em si ou se é apenas um subproduto de outras diferenças no estilo de vida.

Outro problema reside em algo chamado viés comportamental. Participantes tatuados eram mais propensos a relatar hábitos de exposição solar mais arriscados, como bronzamento artificial e queimaduras solares, embora aqui a aparente "proteção" de múltiplas tatuagens tenha permanecido mesmo após ajustes para tabagismo, atividade física e algumas outras variáveis.

No entanto, dados sobre os principais fatores de risco para melanoma, como comportamento de proteção solar e uso de protetor solar, não estavam disponíveis em ambos os grupos. Isso levanta a possibilidade de que o suposto efeito protetor possa, na verdade, ser resultado de diferenças não mensuradas – talvez aqueles com muitas tatuagens sejam mais propensos a usar protetor solar ou evitar a exposição ao sol para proteger suas tatuagens corporais.

Para aumentar ainda mais a complexidade, a taxa de resposta entre os casos de melanoma foi de apenas 41%, o que significa que a maioria das pessoas com melanoma não respondeu a perguntas sobre o assunto, o que é relativamente baixo, embora típico de estudos que utilizam pesquisas como esta. Isso poderia criar o que chamamos de viés de seleção. Se as pessoas que responderam à pesquisa fossem diferentes daquelas que não responderam, os resultados poderiam não se aplicar a todos.

Não foram coletadas informações sobre a localização das tatuagens, portanto, não sabemos se elas estavam em áreas do corpo expostas ao sol ou cobertas – uma distinção importante, visto que a luz ultravioleta é um importante fator de risco para câncer de pele. De fato, pesquisas recentes sugerem que a poluição do ar pode proteger contra o melanoma, filtrando os raios UV nocivos.

Curiosamente, o estudo não mostrou que melanomas ocorriam com maior frequência em pele tatuada do que em áreas não tatuadas. Isso sugere que a tinta de tatuagem em si dificilmente é diretamente cancerígena, embora algumas pesquisas sugiram que possa ser.

No entanto, os pesquisadores pedem cautela. Este é um dos primeiros grandes estudos sobre tatuagens e melanoma, portanto, os resultados sugerem novas ideias para testar, em vez de provar, que as tatuagens protegem.

Comparações com pesquisas anteriores, conduzidas em outros países, também revelam resultados inconsistentes. Alguns estudos mostraram cânceres de pele – incluindo melanoma – em populações ou áreas do corpo tatuadas. No entanto, esses estudos também foram prejudicados por amostras pequenas, falta de informações sobre outros fatores de risco importantes e hábitos diversos de banho de sol ao redor do mundo.

O que tudo isso significa em termos práticos? As descobertas estão longe de ser um sinal verde para buscar tatuagens como escudo contra o melanoma. Crucialmente, a ausência de dados comportamentais e biológicos detalhados significa que os efeitos observados podem facilmente refletir diferenças no estilo de vida ou hábitos não registrados em populações tatuadas.

Por enquanto, os conselhos fundamentais para a prevenção do melanoma permanecem os mesmos: limite a exposição ao sol, use protetor solar e verifique sua pele regularmente, independentemente do estado da pele.

Para aqueles que já têm várias tatuagens, o estudo, no entanto, oferece algumas notícias tranquilizadoras: atualmente não há evidências de que a tatuagem aumente o risco de melanoma, e qualquer associação com risco reduzido pode simplesmente refletir outros fatores.

A mensagem mais ampla, porém, é de cautela científica. Sinais interessantes como esses justificam investigações mais aprofundadas em estudos maiores e mais cuidadosamente controlados, que possam levar em conta todas as complexidades do risco de câncer e do comportamento humano. Até lá, as tatuagens podem continuar sendo uma escolha pessoal, mas definitivamente não são uma estratégia clinicamente comprovada para prevenir o câncer de pele.

*Justin Stebbing é Professor de Ciências Biomédicas, Universidade Anglia Ruskin.

*Este artigo foi republicado de The Conversation sob licença Creative Commons. Leia o artigo original.

<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2025/09/29/tatuagens-protegem-contr-o-cancer-de-pele-ciencia-explica.ghml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal O Globo - Rio de Janeiro/RJ